

PRESENÇA COMO CHAVE PARA UMA DRAMATURGIA DO MOVIMENTO

Valquiria Moura Vieira¹

RESUMO | ABSTRACT

Este artigo aborda a construção dramaturgical de uma perspectiva processual, tema já trabalhado por mim em textos anteriores, onde proponho como metodologia explorar as relações entre a tríade pergunta, procedimento e presença. Desta vez, busquei destacar a *presença*, a partir do olhar da técnica Klauss Vianna, como elemento imprescindível para a construção de uma dramaturgia do movimento.

Palavras-chave: técnica Klauss Vianna, dramaturgia, dança, presença, procedimentos criativos.

This article approaches the dramaturgical construction of a procedural perspective, a theme I have already worked on in previous texts. I propose a methodology to explore the relationship between the triad question, creative procedure and presence. This time, I sought to highlight the presence, from the perspective of the Klauss Vianna technique, as an essential element for the construction of a dramaturgy of movement.

Keywords: Klauss Vianna technique, dramaturgy, dance, presence, creative procedure.

É interessante ver como atenção e temporalidade estão ligadas. A atenção nos coloca no presente, onde tudo acontece (NEVES, 2008, p.85).

Caminhar para reconhecer o estado corporal, instrução comum na sala de aula ou de ensaio de quem atua com a técnica Klauss Vianna. Articular bem os pés ao caminhar, observar alinhamentos ósseos, pressionar os apoios no chão. Colocar o corpo em movimento entre ceder e resistir à gravidade. A cartografia

¹ Valquiria Vieira é artista da dança e do teatro, interessada em poéticas e políticas do corpo. É Mestra em Artes da Cena pelo Programa de Pós Graduação do Instituto de Artes da UNICAMP. Especialista em Técnica Klauss Vianna e graduada em Comunicação das Artes do Corpo com habilitações em Dança e Performance pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. É integrante fundadora da Cia Corpocena, núcleo de pesquisa e criação em dança que atua na cidade de São Paulo desde 2007, com a qual desenvolve projetos como intérprete, diretora e dramaturga. Há mais de 10 anos dedica-se à pesquisa em criação cênica com foco na construção dramaturgical em processos criativos e pedagógicos.

inicial é atualizada e reatualizada, transformando e fomentando o estado de presença e ativando os sentidos. As instruções se sobrepõem deslocando o foco de atenção. Aos poucos, ouvimos melhor, enxergamos mais nitidamente e mais longe, as texturas da sala ficam mais evidentes, percebemos variações de luminosidades e temperaturas, é como se farejássemos o espaço em busca de nós mesmos. Com o corpo ampliado, olhamos e vemos o outro e a sala ganha dimensões antes imperceptíveis, abrindo novas possibilidades de composição. Essas relações se atualizam a todo instante, “corpando” (KATZ, 2021) uma nova existência sempre no presente, sempre em *devir*.

Sendo o corpo um ‘estar sendo’, a sua natureza passa a ser a de um verbo – no caso, um verbo sempre ‘se gerundiando’, pois nunca sai desse estado contínuo de precisar ficar se fazendo corpo a todo instante, uma vez que a cada instante encontra com informações. Foi esta compreensão e o desejo de não pertencer a lugares já ocupados que levou ao ‘corpando’ para nomear o que se passa. O corpo está sempre se corpando porque as informações viram corpo. Em sendo assim, corpo também passa a ser verbo (Ibidem, p.29).

O mestre Klauss Vianna, muito antes de sua pesquisa se desdobrar pelo olhar de outros pesquisadores que buscaram o aporte das ciências cognitivas para sustentar suas hipóteses, já nos chamava à atenção para as relações entre corpo e ambiente e o que pode ser criado a partir disso:

No terreno da arte, a obra só toma corpo na relação que o artista mantém com a realidade que o cerca, mesmo que essa relação seja atravessada pelas mediações mais sutis. O artista, como criador, mais do que ninguém necessita aguçar sua percepção do real, e o momento da criação pressupõe e, ao mesmo tempo, encerra o processo de autoconhecimento (VIANNA, 2005, p.115).

O encontro com a TKV² foi um ponto de transformação em minha trajetória, mudando a partir dali meu modo de ver os processos criativos e pedagógicos. O encontro com essa técnica chamou minha atenção para as metodologias de criação; para a coerência das escolhas ao longo de um processo de construção dramatúrgica e para a ideia de *presença* como tópico de movimento³ e, portanto, como técnica, algo que pode ser exercitado, refinado, repetido... Toda abordagem técnica de dança/movimento, não apenas esta, carrega um pensamento de mundo que nos acompanha, onde quer que estejamos, transformando todas as experiências do corpo. Conseqüentemente, esse encontro reverberou no meu

² Técnica Klauss Vianna.

³ Mais sobre os tópicos de movimento da TKV em: MILLER, Jussara. A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2007.

olhar para a dramaturgia, pedindo o aprofundamento nas questões metodológicas que envolvem essa construção. Desde então, tenho me debruçado na construção dramaturgical processual e suas metodologias.

Esse processo foi iniciado na monografia da especialização em Técnica Klaus Vianna⁴ (2014), pesquisa posteriormente desdobrada no mestrado⁵ (2019), onde o foco foi a criação de procedimentos, e segue em troca constante com minhas práticas artísticas e pedagógicas. Importante lembrar que dramaturgia aqui não é somente a obra em seu formato final, seja ele qual for, mas todo o processo de sua criação, onde os sentidos são construções provisórias, movidas pelas relações entre “pergunta”, “procedimento” e “presença” ou, dizendo em um vocabulário que nos convida ao movimento: a exploração das possibilidades entre **perguntar, ler e agir**. Quero chamar à atenção para a *presença* como ponto fundamental dessa construção, pois é a manutenção do estado de presença que mantém o corpo e, portanto, o processo criativo em movimento, gerando materiais que são escolhidos, problematizados, retrabalhados. Portanto, a dramaturgia do movimento emerge da ação de mover.

Compreender como a consciência se relaciona com os aspectos inconscientes pode explicar o fato de que, ao se executar movimentos, percebe-se que emergem sensações, imagens, memórias, que vão realimentar o movimento, sem que, muitas vezes, houvesse a intenção anterior de acessar uma imagem específica. Simplesmente acontece (NEVES, 2008, p.78).

Consideramos que o *procedimento* é o “como fazer”, ou seja: todas as estratégias coreográficas envolvidas em um processo de criação em dança. Para se criar um procedimento é necessário considerar os corpos e os contextos em que a proposta será experimentada e estar disposto a repetir, rever, repropor... O procedimento é um provocador de diferença no corpo e, ao mesmo tempo, o corpo propõe revisões nos procedimentos, de modo que o “como” também é uma prática, também se move, processualmente. Nesse sentido, um procedimento já é, *a priori*, uma escolha dramaturgical, mesmo que não tenhamos nenhum controle acerca dos resultados de sua experimentação. É ele que impulsiona o corpo a se manter em estado investigativo, provocando o artista a se arriscar em caminhos desconhecidos, nem sempre confortáveis, mas que gera possibilidades de escolhas, escolhas que geram novos caminhos e experiências, “corpando” existências mesmo que provisórias e mantendo a criação em movimento, até

⁴ Mais em minha monografia de defesa do título de especialista em Técnica Klaus Vianna: **Reverberações Dramaturgical** - Técnica Klaus Vianna: princípios mediadores do processo criativo, publicada em <https://www.revistatkv.art.br/primeiraedicao>.

⁵ Mestrado em Artes da Cena, realizado no Programa de Pós Graduação do Instituto de Artes da UNICAMP. Dissertação **Criação Dramaturgical**, Uma travessia Do Procedimento à Cena. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335494>.

que escolhamos fixar sentidos.

O corpo *presente* é um corpo capaz de se lançar à experiência. É um corpo pensante e, portanto, um corpo crítico, capaz de escolher e de agir. E é a partir de escolhas, sejam elas conscientes ou inconscientes, que se dá a construção de sentidos (dramaturgia). “As respostas não estão prontas, são construídas ao longo do caminho, no tempo-espaço, por processos de seleção e de conexão” (NEVES, 2008, p.66). Portanto, criar dramaturgia é abraçar a impermanência, cartografar os fragmentos a cada ensaio e construir sentidos temporários, até que os materiais ganhem certa estabilidade tecendo o que chamaremos de espetáculo.

devir corpo = devir obra

Ouso dizer, ainda, que um corpo em estado de presença é um corpo revolucionário, por estar em *devir*, o que por si já amplia as possibilidades de questionar o estabelecido e atualiza a todo instante o que pode ser nomeado como dança, desafiando os referenciais hegemônicos.

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir” (DELEUZE e GUATTARI, 2012, p. 20).

Por uma dramaturgia do desejo

Gostaria de sublinhar a importância de abordagens corporais que considerem as singularidades, abrindo espaços para as subjetividades, para que seja possível decolonizarmos nossos corpos. Essas questões **poéticas** atravessam os processos criativos e também o campo pedagógico da dança. É urgente investirmos em referenciais brasileiros para uma formação decolonial do corpo que dança. Nesse sentido, a técnica Klauss Vianna, embora seja fruto de uma pesquisa iniciada há mais de 50 anos por Klauss e Angel Vianna, traz um olhar bastante contemporâneo para o corpo e suas relações sempre no presente, abraçando a impermanência e abrindo espaço para que diversas e, quem sabe, novas danças existam no mundo.

Meu trabalho, portanto, busca dar espaço para a manifestação do corpo, com os conteúdos da vida psíquica, das expressões de sentidos, da vida afetiva. Não é possível negligenciar ou esquecer

tais coisas nem fazer com que o corpo permaneça mudo e não transmita nada: as informações que ele dá são incontroláveis. Temos é que reconhecer esses processos internos poderosos e dar espaço para que eles se manifestem, criando assim a coreografia, a dança de cada um (VIANNA, 2005, p.150).

Uma abordagem de dança que considera a subjetividade relaciona-se com o bailarino com toda a sua complexidade, suas características físicas, experiências, memórias, emoções e desejos. Lembrando sempre que, o corpo, por ser um sistema vivo, nunca está pronto, podendo sempre produzir novas combinações de dança.

É claro também que nenhuma estratégia gera um só modo de existência: universos singulares criam-se com cada estratégia, quando adotada por uma existência ou outra (sejam essas existências de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade). Diferentes destinos, dramas, cenários, estilos... Aqui reside toda a riqueza do desejo. Toda a sua generosa fartura. **O desejo é criação de mundo** (ROLNIK, 2014, p. 55, grifo da autora).

O que impulsiona o início de qualquer processo de criação é o desejo, seja o de dizer algo ou de responder a uma pergunta. É o desejo que nos lança em busca de algo que, nem sempre, sabemos o que é, e, quase sempre, encontramos outras coisas, que nem sequer imaginávamos. É essa curiosidade desejante que move a dramaturgia do movimento, construindo sentidos que vão se atualizando a todo instante, sempre no presente.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2012. V.4.
- KATZ, Helena. "Corpar. Porque Corpo Também É Verbo". In: **Coisas vivas**. Fluxos que informam [recurso eletrônico]/organização Helena Bastos. São Paulo: ECA-USP, 2021. PDF (225p.) – (PPGAC ECA USP 40 ano; 4).
- NEVES, Neide. **Klauss Vianna: Estudos para uma dramaturgia corporal**. São Paulo: Cortez, 2008.
- MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna**. VIEIRA, Valquiria Moura. "Reverberações Dramatúrgicas. Técnica Klauss Vianna: Princípios mediadores do processo criativo". In: **Revista TKV - Poéticas e Políticas do Corpo**, n.1, ano 1, 2017. Disponível em <https://www.revistatkv.art.br/primeiraedicao> Acesso em 28 de outubro de 2022.

_____ **1979 - Criação dramática:** uma travessia do procedimento à cena – Campinas, SP: [s.n.], 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

VIANNA, Klauss. **A dança.** São Paulo: Summus Editorial, 2005.